

***Écriture féminine:***  
**Um olhar a partir da estética da existência\***

Marcos de Jesus Oliveira  
(oliveiramark@yahoo.com.br)

*Os escritos de uma mulher são sempre femininos; não podem  
deixar de sê-lo; quanto melhor, mais feminino; a única  
dificuldade é definir o que entendemos por feminino.*  
Virginia Woolf

**RESUMO:** Considerando que as teóricas feministas francesas, especialmente Hélène Cixous e Luce Irigaray, têm sido, constantemente, apontadas como essencialistas, esse trabalho discute, a partir do quadro teórico e conceitual da estética da existência nos termos propostos por pensadores como Nietzsche e Foucault, as implicações práticas e políticas do feminismo francês, ora designado de *écriture féminine*. O objetivo é pôr em evidência a eficácia política e teórica que alguns aspectos das obras dessas autoras podem ter para se pensar uma prática de transformação e de crítica à sociedade quando lidas no âmbito de uma estética da existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** *écriture féminine*, Cixous, Irigaray, Kristeva, estética da existência.

### *Introdução*

Desde o lançamento do célebre livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, no final da década de 1940, a França tem se tornado um dos grandes palcos de construção do feminismo como um projeto intelectual e político. Por essa razão, o movimento de mulheres daquele país logo se transformou, ao longo dos anos de 1970, em uma prática de contestação aos pressupostos androcêntricos dos saberes hegemônicos e um esforço deliberado de crítica à rigidez dos códigos sociais dominantes. A então nascente geração de estudos feministas pós-68 proporá um novo feminismo que, influenciado pelos trabalhos

de Lacan e Derrida, assumirá um lugar importante no seio das discussões sobre filosofia, psicanálise e literatura.

Nomes como Hélène Cixous e Luce Irigaray serão destaques no que se convencionou chamar de “feminismo da diferença”. Julia Kristeva também contribuirá, decisivamente, para as discussões sobre estatuto do feminino, seja na psicanálise, na lingüística ou na teoria literária, renovando o debate de forma bastante original; no entanto, é importante observar que a autora não se considera feminista. Apesar disso, desenvolvo os temas principais vinculados à noção de *écriture féminine* nos trabalhos dessas três pensadoras.

Antes de me debruçar sobre as autoras, cabe mencionar que o feminismo francês será vítima de muitas críticas. Suas principais detratoras serão as feministas anglo-americanas, mas é certo que Cixous, Irigaray e Kristeva não escaparão do olhar crítico de algumas feministas francesas<sup>[1]</sup>. A censura das anglo-americanas será feita, principalmente, a partir de um dos tópicos que, segundo Chantal Mouffe (1992), tem dominado o debate crítico das feministas de língua inglesa, na década de 1990: o essencialismo.

Desenvolver a complexidade e a riqueza em que o debate sobre essencialismo foi construído fugiria aos objetivos desse trabalho; entretanto, vale a pena mencionar que a crítica mais representativa, dentro da perspectiva “antiessencialismo”, virá de Judith Butler. A feminista estado-unidense colocará em questão a noção de universalidade da identidade feminina e insistirá que buscar um sujeito estável do feminismo acaba por gerar exclusões com conseqüências coercitivas e reguladoras. Butler nega a idéia de que é necessária uma identidade para a ação política, pois, segundo ela, não há identidade atrás de expressões de gênero. A identidade se constitui de forma performática pelas expressões que são tidas como seus resultados. Nesse sentido, a autora esclarece que

se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce mulher e sim *torna-se* mulher decorre de que a mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. (BUTLER, 2003, pp. 58-59, grifos da autora)

Por outro lado, em oposição às reflexões propostas por Judith Butler, Seyla Benhabib (1990), outra feminista norte-americana, tem afirmado, de forma categórica, que não é possível pensar uma política feminista sem um sujeito e que, para o feminismo avançar como movimento social, não pode abrir mão da noção de universalidade.

Entretanto, é importante destacar que Benhabib (2006) propõe falar de um universalismo interativo pós-metafísico, que consiste em uma reformulação da pragmática universal habermasiana como base para a co-validação de afirmações de verdade em termos de uma teoria discursiva de justificação.

Esses dois breves exemplos são citados apenas como referências para perceber que a discussão em torno do essencialismo e do universalismo está longe de ser superada, mesmo entre as feministas de língua inglesa. Por isso, proponho uma leitura alternativa das teorizações de Cixous, Irigaray e Kristeva, pois ancorar a discussão em termos binários – essencialismo *versus* antiessencialismo – evita que novas possibilidades de debate surjam e acabam por circunscrever a realidade a campos que, certamente, não se esgotam na relação binária. Além do mais, o termo essencialismo tem servido “menos para uma crítica efetiva do processo de elaboração da teoria feminista do que para a conveniência, simplificação conceitual ou legitimação acadêmica” (DE LAURENTIS, 1997, p. 327).

Aplicando o mesmo raciocínio que Derrida utiliza para concluir que “*não tem nenhum sentido* abandonar os conceitos da metafísica para abalar a metafísica” (DERRIDA, 1976, p. 233, grifos do autor), seria ainda possível dizer que não há como erradicar o essencialismo de um discurso, uma vez que o primeiro se liga à linguagem desde seu nascimento. Por essa razão, tentar ir além do essencialismo não significa rejeitá-lo, mas pensá-lo de uma outra maneira e, como consequência disso, “pensar mais sobre como pensamos as relações de gênero ou qualquer outra relação social e sobre como outros modos de pensamento pode ajudar ou nos atrapalhar no desenvolvimento de nossos próprios discursos” (FLAX, 1990, p. 40).

Feitas essas considerações, inicio minha discussão apresentando os temas principais vinculados à noção de *écriture féminine* no pensamento de Cixous, Irigaray e Kristeva para, em seguida, aproximá-los à estética da existência nos termos propostos por Nietzsche e Foucault. O objetivo dessa aproximação é construir um paradigma de leitura para além da controvérsia essencialismo/antiessencialismo, de modo a perceber a eficácia política e teórica que as perspectivas propugnadas pelas autoras podem ter para se pensar uma prática de transformação e de crítica à sociedade. Minha apreciação não tenciona negar a presença de problemas ou contradições no pensamento dessas autoras, tampouco fazer uma análise exaustiva de seus trabalhos, mas apenas lançar um novo olhar que consiga pôr em evidência alguns elementos de suas obras que, ao propor uma desestabilização do quadro epistêmico

hegemônico, me parecem bastante profícuos para se discutir demandas atuais, já que, em certa medida, nos colocam em uma posição estratégica para um constante questionar dos códigos lingüísticos, teóricos e ideológicos dominantes.

### *Três Autoras: Três Feminismos*

A noção de escrita como subversão do logocentrismo cujo projeto foi sempre o de fundar um falocentrismo é a base para o conceito de *écriture féminine*, de Hélène Cixous. Para a escritora e feminista francesa, o pensamento ocidental se constituiu por uma repressão sistemática da experiência das mulheres, o que ocasionou sua inferiorização e marginalização.

Cixous (1995) esclarece que essas oposições binárias que formam a base da cultura ocidental não estão presentes só no senso comum, mas também no discurso filosófico, científico, literário, etc, uma vez que esses não estão livres de condicionamentos históricos e sociais. Esses pares binários apresentam uma distribuição desigual de poder entre seus termos, de maneira tal que um dos termos é sempre mais valorizado que o outro, um é a norma e o outro é o “outro” – visto como “anormal”. Na oposição cultura/natureza, o homem se encontra ligado ao primeiro, ao passo que a mulher, ao segundo; o mesmo ocorre em outros binarismos descritos pela autora, tais como: atividade/passividade, cabeça/coração, dia/noite, inteligível/sensível, semente/receptáculo, etc.

No esteio dessas considerações, Cixous (1995) afirma que a *écriture féminine* é aquela que excede ao discurso falocêntrico, cuja rigidez impede o livre jogo dos significantes. Diretamente vinculado à economia libidinal feminina, o conceito introduzido pela autora é concebido como um esforço de afirmação da *différance*<sup>21</sup>, em sentido derridiano, ou seja, trata-se de um jogo infundável dos significantes em que as oposições binárias ossificadas pelo pensamento patriarcal se abrem para a impossibilidade de fixação do sentido.

É importante assinalar que, para Cixous (1995), a feminilidade não é um registro simbólico que remeta imediatamente ao universo das mulheres; tampouco a masculinidade, exclusivamente aos homens. De acordo com a autora, a economia política do masculino e do feminino está organizada por exigências e obrigações diferentes, que ao serem sociabilizadas e metaforizadas, produzem signos, relações de força, relações de produção e

de reprodução, um imenso sistema de inscrição cultural legível como o masculino e o feminino. Nesse sentido, vale a pena reproduzir suas palavras:

utilizo com sumo cuidado os *qualitativos* da diferença sexual a fim de evitar a confusão homem/masculino, mulher/feminino: pois há homens que não reprimem sua feminilidade, mulheres que inscrevem mais ou menos fortemente sua masculinidade. A diferença não se distribui, é claro, a partir dos “sexos” determinados socialmente.<sup>[3]</sup>

Cixous (1995) argumenta que o feminino está marcado pela lógica da Dádiva, ou seja, pela capacidade de reconhecimento do outro e de suas necessidades. Trata-se de uma postura voltada para o particular e para o não-controle sobre as coisas, um espaço de prazer e de troca orgástica com o outro. A masculinidade, por outro lado, é regida pela economia do Próprio – propriedade, apropriação, expropriação –, isto é, pela ênfase na auto-identidade que gera uma obsessão pela classificação, sistematização, hierarquização, etc. Segundo seus próprios termos,

consiste em hierarquizar a diferença sexual valorizando um dos elementos da relação, afirmando o que Freud chama de primado do falo. (...) O Império do Próprio se ergue a partir de um medo que é tipicamente masculino: medo da expropriação, da separação, da perda de um atributo.<sup>[4]</sup>

Se a lógica do Próprio é a que tem dominado a história do ocidente, cabe a *écriture féminine* inscrever sua diferença na linguagem como subversão ao pensamento androcêntrico, apropriando-se de sua sintaxe e rompendo com a submissão e o domínio. Ainda que seja “impossível definir uma prática feminina da escrita, (...) pois essa prática nunca poderá ser teorizada, fechada, codificada, o que não significa que não exista”<sup>[5]</sup>, a autora diz:

escrever é precisamente a real possibilidade de mudança. O espaço que pode servir de trampolim para o pensamento subversivo, o movimento precursor da transformação das estruturas sociais e culturais... As mulheres apoderando-se da oportunidade de falar e, em consequência, sua revolucionária entrada na história.<sup>[6]</sup>

E mais adiante:

escreva sobre você mesma, seu corpo precisa ser ouvido... Escrever. Um ato que não só “realizará” a relação não censurada com sua sexualidade, com sua condição de mulher, mas lhe

devolverá seus bens, seus prazeres, seus órgãos, seus imensos territórios corporais que foram mantidos lacrados.<sup>[7]</sup>

O pensamento de Cixous se aproxima em muitos aspectos ao de Luce Irigaray, pois, para essa última, a *écriture féminine* representa uma lógica alternativa às estruturas e linguagens patriarcais e, nesse sentido, assim como para Cixous, ao que excede ao discurso falocêntrico. Entretanto, se para Cixous há duas economias distintas, sendo que a feminina é suprimida pela supremacia da masculina; em Irigaray, há somente uma: a masculina que se reproduz pela exclusão de qualquer possibilidade de estabelecimento de uma economia do feminino. Portanto, Irigaray acentua a importância de que as mulheres criem uma *novalinguagem*, única maneira possível de se opor ao discurso falocêntrico que tenta reduzi-las a sua própria lei:

elas não devem fingir rivalizá-los através da construção de uma lógica do feminino que novamente tomaria como seu modelo o onto-teórico. Elas devem em vez disso tentar liberar essa questão da economia do logos. Elas devem, portanto, colocar a questão na forma ‘O que é a mulher?’. Elas devem, por meio da repetição- interpretação da maneira em que o feminino se encontra determinado no discurso – como falta, defeito, ou como reprodução mimética e invertida do sujeito – mostrar que do lado feminino é possível *exceder e perturbar* essa lógica. (IRIGARAY *apud* MOI, 1988, p. 139)

Desse modo, a desconstrução dos saberes e ideologias dominantes está diretamente vinculada à sexualidade feminina que, segundo a autora, não é uma, mas duas, ou mesmo plural, com múltiplas zonas de prazer difundidas pelo corpo e também marcada por um erotismo que lhe é característico. O feminino, por sua pluralidade e multiplicidade, representa a possibilidade de ruptura do esquema totalizador falocêntrico, que se reproduz pelo repúdio e exclusão do feminino. Essa possibilidade de subversão da ordem patriarcal se encontra inteiramente ancorada no fato de que “a economia feminina não é especular no sentido de que ela não opera por um modelo de exclusão” (MOI, *op. cit.*, p. 144), tal como ocorre com a masculina:

... a mulher tem órgãos sexuais mais ou menos em todos os lugares. Ela experimenta prazer em quase toda parte, mesmo sem falar da histerização de todo seu corpo, pode-se dizer que a geografia de seu prazer é muito mais diversificada, múltipla nas suas diferenças, mais complexa, mais sutil do que se imagina (...) “Ela” é definitivamente outra em si mesma. É sem dúvida por essa razão que ela é tida como excêntrica, incompreensível, agitada, caprichosa... isso para não mencionar sua língua, na qual “ela” se

move em todas as direções deixando-“o” incapaz de discernir a coerência de qualquer sentido. Seus sentidos são palavras contraditórias, algo louco do ponto de vista da razão, inaudível a quem quer escutá-los com matrizes já dadas, com um código totalmente elaborado à mão. (IRIGARAY, 1997a, p. 366)

Outro aspecto digno de nota é que grande parte das análises empreendidas por Irigaray tem como ponto central a crítica aos discursos filosóficos sobre a mulher. Essa ênfase se deve ao fato de que, para a autora, a filosofia é o discurso mestre a partir do qual os outros discursos são construídos (IRIGARAY, 1995). Por isso mesmo, em sua leitura minuciosa do pensamento filosófico ocidental, Irigaray percebe, por exemplo, a filiação do pensamento psicanalítico freudiano à filosofia platônica, já que, em ambas, a mulher aparece associada à matéria e à natureza, fato também recorrente em outras tradições filosóficas analisadas pela autora.

É a partir da análise do pensamento filosófico ocidental que Irigaray concluirá que as mulheres “são os esteios de uma economia significativa falocêntrica e fechada, que atinge seu objetivo totalizante por via da completa exclusão do feminino” (BUTLER, *op. cit.*, pp. 28). Essa economia falocêntrica funciona como força contínua de exclusão do feminino em uma tentativa de assimilá-lo a sua lógica englobante. A inveja do pênis é um desses momentos, pois, como construto teórico, é uma tentativa de inscrever a mulher “na lei do desejo do mesmo, *do desejo para o mesmo*” (IRIGARAY, 1997b, p. 437), ou seja, de colocá-la em ordem cultural cuja lógica pressupõe sua própria submissão e inferioridade. Irigaray (1995) também evidencia como essa “lógica do mesmo” está inscrita na noção de bissexualidade em Freud. Segundo a pensadora, a bissexualidade postulada pelo pai da psicanálise, na verdade, representaria uma unissexualidade, uma vez que é um conceito utilizado para explicar a psicologia feminina, não a masculina.

Nessa metafísica do mesmo [leia-se: falocentrismo], Irigaray afirma que “a mulher só existe enquanto ocasião de mediação, de transição, de transferência, entre o homem e seu semelhante homem, entre o homem e si mesmo” (IRIGARAY *apud* CONNOR, 1994, p. 176). Portanto, as mulheres não têm para os homens valor em si mesmas. Seu valor é relativo a outras mulheres-mercadorias em uma escala abstrata de equivalência que permite que as mulheres sejam trocadas dessa maneira, pois “a mulher é tradicionalmente um valor de uso para o homem, um valor de troca entre os homens, em outras palavras, uma mercadoria” (IRIGARAY, 1997, p.368). Essa economia falocêntrica a partir da qual as mulheres se tornam território em que os homens inscrevem sua masculinidade

depende essencialmente de uma economia da *différance* nunca manifesta, mas sempre pressuposta e renegada. Com efeito, as relações entre clãs patrilineares são baseadas em um desejo homosocial (...), numa sexualidade *recalcada* e conseqüentemente desacreditada, numa relação entre homens que, em última instância, concerne aos laços entre os homens, mas se dá por intermédio de trocas e da distinção heterossexual das mulheres. (IRIGARAY *apud* BUTLER, *op. cit.*, p. 70)

Julia Kristeva, à semelhança de Irigaray e Cixous, também inscreve o feminino como uma das grandes forças potenciais de transformação da sociedade. Entretanto, é importante lembrar que Kristeva não tem propriamente uma teoria do feminino, o que a autora propõe é mais uma teoria da marginalidade, da subversão e da dissidência que, por seu caráter contrário à ordem simbólica patriarcal, pode ser articulada às demandas do movimento das mulheres.

O tom subversivo que sua obra assume aparece desde seus primeiros trabalhos e está muito bem delineado em seus conceitos de Semiótico e Simbólico. Essas duas categorias analíticas, que, correspondem, respectivamente, aos conceitos de Imaginário e Simbólico, de Lacan, compõem todo processo de significação lingüística (KRISTEVA, 1974a). O elemento semiótico é o impulso corporal e está relacionado com os ritmos, tons e movimentos das práticas de significação, representando, assim, o elemento pré-edipiano. O semiótico existe como multiplicidades libidinais que se originam na *chora* (do grego: espaço fechado, útero), precedendo, portanto, ao simbólico.

O elemento simbólico, por sua vez, está associado à gramática e à estrutura da significação, à qual a criança deverá se submeter para emergir como sujeito. Esse processo se constitui com a aquisição da linguagem durante a fase do espelho, momento que marca a intervenção do simbólico (Lei-do-Pai) no universo da criança e sua separação do estado idílico de harmonia e continuidade que, psiquicamente, é a mãe (LECHTE, 1990, p. 158).

A experiência de perda é constitutiva da linguagem e do desejo, pois a emergência do sujeito só ocorre pelo recalçamento da relação primária com o corpo materno forjada pela lei paterna que estrutura toda significação lingüística. Esse processo é acompanhado pelo fenômeno da abjeção (KRISTEVA, 1980) que representa a operação psíquica pela qual a identidade subjetiva e a de grupo se constituem por excluir qualquer ameaça às fronteiras do próprio sujeito ou do grupo. A ameaça principal para o sujeito em desenvolvimento é sua dependência ao corpo materno e não, como teorizou Freud, a castração de seu órgão genital pela figura paterna. Com isso, a abjeção se torna um fenômeno fundamentalmente relacionado ao corpo materno, pois só “com essa



abjetificação da mãe, o filho dá os primeiros passos no sentido do simbólico de Lacan e no sentido de uma vida sexual normal que é alienada” (NYE, 1995, p. 173).

Nesse sentido, Kristeva (1989) afirma que o matricídio é co-extensivo às ordens patriarcais cujas estruturas se constroem pela rejeição do corpo materno, ou seja, só é possível tornamos sujeitos ao abjetar a mãe. Entretanto, apesar de abjeta, continua a ameaçar, de certo modo, a ordem social e simbólica. Por isso, a autora argumenta a favor da necessidade de se criar novos discursos sobre a maternidade como forma de viabilizar alternativas às estruturas patriarcais.

Ao demonstrar existência de uma esfera do sujeito (suas pulsões, ou seja, o elemento semiótico) que não é totalmente simbolizada, Kristeva (1974a) evidencia que fica sempre um resíduo de emoção maternal que escapa às leis e funções patriarcais. Esse *sujet en procès* (KRISTEVA, 1974b, p. 64) que nunca é uma unidade e que sempre e por natureza está em constante movimento é marcado pela negatividade, momento em que o semiótico impõe novas configurações ao simbólico, sendo, portanto, uma ameaça constante às estruturas e às ideologias estabelecidas.

A negatividade assume um papel central nas teorizações de Kristeva, já que, segundo ela, uma prática feminina é sempre negativa, contrária às estruturas existentes, permanentemente por fora das ideologias e verdades estabelecidas, persistindo em ameaçar os valores e as verdades dominantes:

Se as mulheres têm um papel a desempenhar nesse processo em curso, é somente em assumir uma função negativa: rejeitar tudo que é finito, definido, estruturado, carregado de significação, no atual estado da sociedade. (KRISTEVA *apud* DRUCILLA & THURSCHELL, 1997, p. 161)

Nesse contexto argumentativo, cabe, no entanto, ressaltar que a negatividade não é prerrogativa apenas do feminino. A *écriture féminine* em Kristeva, assim como em Cixous, não depende do sexo do autor, pois se define por aquilo que é contrário ao *status quo*, por aquilo que é marginalizado pela ordem simbólica patriarcal. Nesse sentido, a linguagem poética, ao recusar se inscrever no código social da estrutura da língua, é o local privilegiado em que essa negatividade se manifesta. A linguagem poética descansa sobre a substância que reclama sua liberdade, passando pelo código para transformá-lo. Em outras palavras, trata-se de uma volta aos prazeres do corpo materno, o reviver das pulsões libidinais primárias.

Tendo como horizonte as considerações até então apresentadas, é possível concluir que a *écriture féminine* é um conceito que ultrapassa sua mera tradução literal de escrita

feminina, mas se liga a uma gama complexa de conceitos e categorias próprias do teorizar de cada pensadora. Apesar de suas diferenças, o pensamento das autoras converge para a idéia de que a *écriture féminine* “desconstrói essencialmente a organização fálica da sexualidade e seu código, que coloca a sexualidade da mulher e o significado de seu corpo como um espelho ou complemento para a identidade sexual masculina” (DALLERY, 1997, p. 63). Corpo e sexualidade se tornam *locus* de transgressão dos binarismos que regem a lógica dos padrões identitários hegemônicos, agenciando, dessa forma, novos modos de existência e subjetividade políticos. E é nesse sentido que, ao substituir a autoridade pela experiência, vê-se o desenho de uma estética da existência nos termos propostos por pensadores como Nietzsche e Foucault.

### *Estética da Existência e Écriture Féminine*

Em *O nascimento da tragédia*, de 1872, Nietzsche elabora uma crítica ao *cogito* cartesiano cuja matriz ocidental se encontra no pensamento lógico e dialético socrático. Essa crítica se faz por meio da valorização da tragédia grega que, ao reunir o equilíbrio apolíneo e a embriaguez dionisíaca, conseguiria tornar a arte a grande força criadora, o único valor possível. Sócrates teria apagado essa forma de experienciar a vida em favor de uma metafísica dos conceitos, que busca os valores e verdades últimas. Em outras palavras,

*O nascimento da tragédia* tem dois objetivos principais: a crítica da racionalidade conceitual instaurada na filosofia por Sócrates e Platão; a apresentação da arte trágica, expressão das pulsões artísticas dionisíaca e apolínea, como alternativa à racionalidade. (MACHADO, 1997, p. 11)

A crítica de Nietzsche (1991) ao que, em uma linguagem mais contemporânea, se convencionou chamar de logocentrismo evidencia que o importante não é buscar a essência última das coisas, própria da atitude socrática, ou encontrar a verdade mais profunda por trás das aparências, mas sim reinventar o real, transfigurar a própria vida. O crescente interesse de Nietzsche pelas potencialidades oferecidas pela arte é vislumbrado em muitas de suas obras, o que culminará em uma aproximação teórica, cada vez maior, entre arte e vida, pois “como fenômeno estético a existência ainda nós é *supportável*, e por meio da arte nos são dados os olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para *poder fazer* de nós mesmos um tal fenômeno.” (NIETZSCHE, 2001, §107, grifos do autor).

A estética da existência em Foucault se aproxima, em muitos aspectos, à concepção do filósofo alemão quando, por exemplo, o pensador francês se interroga sobre como o fenômeno artístico tem se dado nas sociedades ocidentais:

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar em uma obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida? (FOUCAULT, 1995, p. 261)

Entretanto, é importante enfatizar que a estética da existência foucaultiana não se constitui apenas pela sua dimensão propriamente artística, mas também pelo seu caráter de um programa ético-político (Cf., ORTEGA, 1999, p. 152). A estética da existência, para o filósofo francês, está relacionada à possibilidade de constituição de novos estilos de vida baseados em uma ética capaz de criar subjetividades mais libertárias e, a partir delas, novas formas de sociabilidade. Nesse sentido, vale a pena citar, mais uma vez, o pensador francês para esclarecer que as “artes da estética” são:

práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam em regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 1988b, p. 15)

Nesses termos, a noção de feminilidade em Cixous, Irigaray e Kristeva, assim como a estética da existência em Nietzsche e Foucault, nos convida a adotar uma atitude artística diante dos fenômenos humanos. Nos dois conceitos, é a valorização do particular, do contingente e a perda definitiva da crença nos enunciados universais que importam, uma vez que “a coisa-em-si é um conceito sem sentido. Se eu remover todas as relações, todas as ‘propriedades’, todas as ‘atividades’ de alguma coisa, nada resta” (NIETZSCHE *apud* STRATHERN, 1997, p. 67).

A feminilidade se confunde com a afirmação da diferença e da singularidade e, à semelhança dos processos que ocorrem na criação artística, representa a possibilidade de transformar a vida em um constante jogo de invenção, um jogo marcado por uma construção em que o indivíduo se torna o arquiteto de sua própria liberdade. Essa aproximação entre feminilidade e arte [leia-se: estética da existência] ainda é possível, na

medida em que ambas se pautam por um jogo de significados múltiplos e por uma semântica em aberto.

A feminilização da cultura se torna, nesse sentido, uma forma alternativa de subjetivação que excede às formas dominantes, ou seja, ao regime falocêntrico, pois recusa as representações sociais hegemônicas em favor da afirmação da diferença e de uma leitura fragmentar das coisas. Como agenciamento de modos alternativos de existência e de subjetividade políticos, também afeta os homens, já que, conforme apontam Cixous e Kristeva, a feminilidade não diz respeito a algo estritamente imediato ao universo das mulheres.

Outro aspecto das obras das feministas francesas que nos permitem aproximá-la à estética da existência é a centralidade que o conceito de *jouissance*<sup>[8]</sup> – prazer sexual – assume em suas obras. A ênfase na busca pelo gozo sexual como possibilidade de subversão da ordem patriarcal que tende a assimilar a mulher a sua lógica está diretamente vinculada à afirmação da diferença. Nessa nova gramática em que “a mulher tem órgãos sexuais mais ou menos em todos os lugares” e que “experimenta prazer em quase toda parte” (Irigaray), há uma recusa à homogeneização, em busca da subversão da sexualidade fálica por meio de uma sexualidade não-disciplinada.

Recuperar “seus bens, seus prazeres, seus órgãos, seus imensos territórios corporais que foram mantidos lacrados” (Cixous) é uma metáfora poderosa na constituição de uma economia do prazer não normatizada sexualmente, cujos objetivos seriam multiplicar os centros de prazer corporal, de modo a escapar à sexualidade presa ao prazer genital. A ênfase de Cixous e Irigaray na produção de novas geografias corporais e de prazeres até então não experienciados pelas mulheres – fato que poderia ser estendida aos homens – se aproxima, em certo sentido, daquilo que Foucault postula como uma *ars erotica*, que tem relação direta com seu conceito de estética da existência.

Foucault (Cf., 1988a, pp. 65-66) esclarece que historicamente há basicamente dois grandes procedimentos para produzir a verdade sobre o sexo. Na *ars erotica* a verdade é extraída do próprio prazer, encarada como prática e recolhida como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas ao contrário, em relação a si mesmo. Por outro lado, a *scientia sexualis* ordenaria procedimentos para dizer a verdade sobre o sexo, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral que é a confissão.

Seria incorreto afirmar que o projeto das feministas francesas foi o de fundar uma *ars erotica*; entretanto, é possível sublinhar que, em virtude da centralidade que a produção de prazeres polimorfos assume na obra dessas autoras, a *écriture féminine* parece trilhar um caminho em direção a uma arte do prazer, nos termos de que nos fala Foucault. A ênfase recorrente em uma economia sexual marcada pela intensidade e pelo afeto, uma sexualidade desvinculada das exigências da reprodução da espécie, é significativa para a estilização da existência e para a abertura do sujeito a novas modalidades eróticas.

A celebração do semiótico (Kristeva) em busca da multiplicidade libidinal e, como consequência disso, a configuração de uma nova geografia do prazer trazem em si o corpo como um dos principais pontos de resistência ao poder e a sexualidade como possibilidade de que novas relações possam ser “estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas” (FOUCAULT, 2007a). Essa atitude se assemelha ao conceito de cuidado de si<sup>[9]</sup> de Foucault e se torna, portanto, “ponto de resistência preferencial e útil contra o poder político, e localiza o objetivo político no fomento de *novas* formas de subjetividade”<sup>[10]</sup>.

Entretanto, é importante ressaltar que a celebração da *jouissance*, antes de ser um narcisismo ou um mero culto ao prazer, delineia uma abertura à alteridade, na medida em que afirmar a diferença e o singular possibilita que o sujeito se torne um outro para si mesmo. Ao enaltecer a diferença e a singularidade, as feministas francesas recusam elevar o outro a um estatuto de absoluto, mas experimentar a diversidade desse outro, em vez de se contentar em pensá-lo mediante abstrações. Isso é possível porque “a [atitude] estética relativiza (...) o ego que lhe gerou [de tal maneira que] a exacerbação do sentimento individual transfigura-se numa cultura do sentimento negando o que lhe serve de suporte” (MAFFESOLI, 1997, p. 261). Nesse sentido, encontramos mais uma afinidade com a estética da existência de Foucault, pois, para o filósofo francês, “esse trabalho que alguém faz em si mesmo para transformar-se” (FOUCAULT, 2007a) só pode ser realizado em relação a um outro.

### *Considerações finais*

No esteio dos termos em que o debate sobre a *écriture féminine* foi colocado até então, é possível afirmar que, para as feministas francesas, política não se resume “ao conjunto dos processos pelos quais se operam a agregação e o consentimento das

coletividades, a organização dos poderes, a distribuição dos lugares e funções e os sistemas de legitimação dessa distribuição” (RANCIÈRE, 1996, p. 41). Cixous, Irigaray e Kristeva, certamente, partilham da noção de política como atos cujas configurações ensejam diferentes modos de sentir e vivenciar a realidade e induzem a novas formas de subjetividade, pois também é certo que subjacente ao pensamento dessas autoras está a idéia de que “enquanto a auto-realização ou a autoperfeição privada curvarem-se ao sujeito sexual dominante, poucas chances existem de imaginar um modo de vida sem a violência” (COSTA, 1995, p. 131).

Apesar disso, é possível que a *écriture féminine* continue a ser rejeitada sob o rótulo de essencialista. Em certa medida, talvez seus detratores tenham razão. Entretanto, ao propor uma releitura das feministas francesas a partir da estética da existência, meu objetivo foi mostrar que, em determinados momentos, certos discursos podem se tornar bastante produtivos e nos colocar em uma posição estratégica de resistência para que consigamos levar a diante nossos projetos políticos. Nesse sentido, é defensável a idéia de um essencialismo estratégico de que nos fala Gayatri Spivak (1995).

Cixous, Irigaray e Kristeva tentam “trilhar e construir (...) uma outra gramática erótica para a subjetividade, bastante diferente daquela fundada no referencial fálico.” (BIRMAN, 2001, p. 244). Seus trabalhos descansam sobre uma “micropolítica” (GUATTARI, 2005, p. 149) que desafia, sistematicamente, a norma erótica, a lógica da sucessão paterna e tantas outras formas de relacionamentos institucionalizados pela sociedade, uma vez que o desejo e a identificação sempre tiveram conseqüências e implicações políticas importantes, permitindo certas ações e alianças, e legislando contra outras.

Sendo assim, finalizo sugerindo que talvez as duras críticas sofridas pelas feministas francesas na década de 1990 estejam ligadas à prevalência de uma vontade de saber e de poder, própria de determinados círculos acadêmicos, um desejo de sermos mais “cientistas *sexualis*” do que “artistas *sexualis*”. Poetizar e estetizar nossas vidas, algo que me parece central nos trabalhos de Cixous, Irigaray e Kristeva, exigem a superação do medo à alteridade, ao mesmo tempo em que nos colocam em uma posição de construir “verdades” sempre comprometidas com determinada visão de mundo, uma atitude de que “o conhecimento não se limita mais à ciência, pelo menos a uma certa ciência”

(MAFESSOLI, 2005, p. 235), pois, como disse Deleuze, certa vez, “a arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha” (DELEUZE, 1992, p. 15).

### Referências bibliográficas

BENHABIB, Seyla. ”Epistemologies of Postmodernism: A rejoinder to Jean-François Lyotard”. IN: NICHOLSON, Linda J. (org.). **Feminism/Postmodernism**. New York : Routledge. 1990, pp. 107-129.

\_\_\_\_\_. “El feminismo y la cuestión del posmodernismo”. IN: BENHABIB, S. **El ser y el otro en la ética contemporánea: feminismo, comunitarismo y posmodernismo**. Barcelona: GEDISA, 2006, pp. 231-269

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CIXOUS, Hélène. **La risa de la medusa: ensayos sobre la escritura**. Barcelona: Anthropos : Madrid : Comunidad de Madrid : San Juan : Universidad de Puerto Rico, 1995.

\_\_\_\_\_. “The laugh of Medusa.” IN: WARHOL, Robyn R.; HERNDL, Diane Price. **Feminisms: an anthology of literary theory and criticism**. New Jersey : Rutgers University Press, 1997, pp. 347-362.

CONNOR, Steven. **Teoria e valor cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

COSTA, Jurandir F. “O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral?” IN: **Tempo Social**. Sao Paulo: USP, v.7(1-2), 1995, pp. 121-138.

DALLERY, Arleen B. “A política da escrita do corpo: *écriture féminine*”. IN: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (orgs.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 62-78.

DE LAURENTIS, Teresa. "Upping the anti (sic) in feminist theory". IN: WARHOL, Robyn R.; HERNDL, Diane Price. **Feminisms: an anthology of literary theory and criticism**. New Jersey: Rutgers University Press, 1997, pp. 326-339.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. "A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas". IN: DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1973, pp. 229-249.

\_\_\_\_\_. "A diferença". IN: DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. São Paulo: Papirus, 1991, pp. 33-63.

DRUCILLA, Cornell; THURSCHELL, Adam. "Feminismo, negatividade, intersubjetividade". IN: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (orgs.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987, pp. 155-174.

FLAX, Jane. "Postmodernism and Gender Relations in Feminist Theory". IN: NICHOLSON, Linda J. (org.). **Feminism/Postmodernism**. New York: Routledge, 1990, pp. 39-62.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988a.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1988b.

\_\_\_\_\_. "Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho". IN: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. "Da amizade como modo de vida". Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>. Acessado em 01/07/2007a.



\_\_\_\_\_. “Uma estética da existência”. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/estetique.html>. Acessado em 01/07/2007b.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

IRIGARAY, Luce. **Speculum of the other woman**. New York : Cornell University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. “This sex which is not one.” IN: WARHOL, Robyn R.; HERNDL, Diane P. **Feminisms: an anthology of literary theory and criticism**. New Jersey : Rutgers University Press, 1997a, pp. 363-369.

\_\_\_\_\_. “Another ‘cause’ – castration.” IN: WARHOL, Robyn R.; HERNDL, Diane P. **Feminisms: an anthology of literary theory and criticism**. New Jersey : Rutgers University Press, 1997b, pp. 430-437.

KRISTEVA, Julia. **La révolution du langage poétique**. Paris: Éditions du Seuil, 1974a.

\_\_\_\_\_. “Le sujet en procès”. IN: KRISTEVA, J. **Polylogue**. Paris: Éditions du Seuil, 1974b, pp. 55-106.

\_\_\_\_\_. **Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'abjection**. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

\_\_\_\_\_. **Sol negro: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LECHTE, John. **Julia Kristeva**. London / New York : Routledge, 1990.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. “O paradigma estético: a sociologia como arte”. IN: SOUZA, Jessé de; OËLZE, Berthold (orgs.). **Simmel e a modernidade**. 2<sup>a</sup>. ed. Brasília: EdUnB, 2005.

MOI, Toril. **Sexual/textual politics: Feminist literary theory**. London : Routledge, 1988.

MOUFFE, Chantal. “Feminism, citizenship and radical democratic politic”. IN: BUTLER, Judith; SCOTT, Joan (orgs.). **Feminists theorize the political**. London: Routledge, 1992, pp. 369-385.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NYE, Andréa. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Ed 34, 1996.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “Remarks”. IN: **Center For Humanities**, Wesleyan University , Spring, 1995.

WITTIG, Monique. “The point of view: universal or particular?”. IN: WITTIG, M. **The straight mind and other essays**. Boston: Beacon Press, 1994, pp. 59-67.

---

\* Trabalho apresentado no Quinto Encontro de Professores de Letras do Brasil Central e Quarto Colóquio Ler: Língua, Ensino e Cidadania, organizado pelo Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, em Brasília-DF, de 12 a 15 de novembro de 2007.

[<sup>1</sup>] Refiro-me, por exemplo, à crítica que a feminista francesa Monique Wittig (1996) dirige à noção de escrita feminina.

[<sup>2</sup>] Para uma definição desse conceito, veja DERRIDA (1991).

<sup>[3]</sup> CIXOUS, 1995, p. 38, grifo da autora.

<sup>[4]</sup> *Idem, Ibidem*, p. 37.

<sup>[5]</sup> *Idem, Ibidem*, p. 54.

<sup>[6]</sup> CIXOUS, 1997, pp. 350-351.

<sup>[7]</sup> *Idem, Ibidem*, p. 351.

<sup>[8]</sup> Kristeva esclarece mais detalhadamente que a “*jouissance* é um dar, despendar, repartir prazer sem preocupação com os limites ou a conclusão; é lago ao mesmo tempo sexual, espiritual, físico e conceitual” (*apud* DALLERY, *op. cit.*, p.67).

<sup>[9]</sup> “O cuidado de si (...) sempre implica relações complexas com os outros, uma vez que esse êthos da liberdade é também uma maneira de cuidado dos outros (...)” (FOUCAULT, 2004, p. 270).

<sup>[10]</sup> ORTEGA, *op. cit.*, p.153, grifo do autor.